



VI GOVERNO CONSTITUCIONAL

GABINETE DO MINISTRO DE ESTADO E DA PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE
MINISTROS

Cristo-Rei, 25 de Abril de 2017

Hoje, em vários locais do mundo, o sol ergue-se sobre várias manifestações de australianos e neozelandeses, que se reúnem para honrar os seus homens e mulheres das Forças Armadas.

E em centenas de cerimónias, como esta, cidadãos de outras nações estarão ao seu lado, para modestamente demonstrarem a sua solidariedade e respeito.

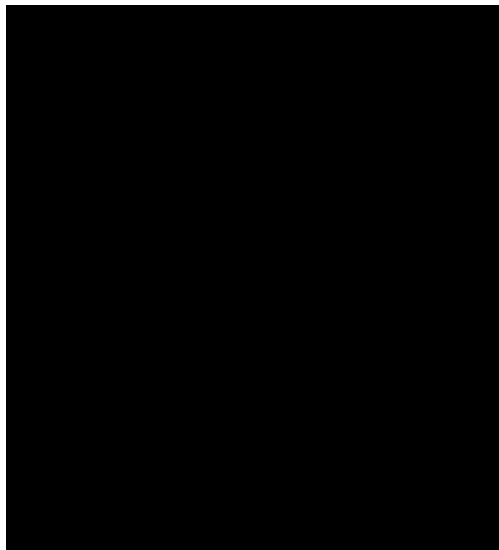
É para mim uma honra, nesta manhã do dia do ANZAC, discursar em nome do Governo de Timor-Leste.

Neste preciso momento, enquanto aqui estamos, veteranos da nossa longa e sofrida luta pela independência encontram-se lado a lado com elementos das Forças Armadas Australianas, em Yass, Hobart e Brisbane.

Dentro de algumas horas, alguns dos antigos combatentes da FALINTIL irão marchar pelas ruas de Brisbane juntamente com membros das Forças Armadas australianas e neozelandesas, integrados nas comemorações do ANZAC naquela cidade.

Fazem-no por amizade e pela partilha de uma história militar comum.





Há quase 75 anos, ao nascer do sol em Díli, cerca de 300 soldados australianos, instalados nas montanhas perto de onde estamos agora, estiveram envolvidos numa intervenção que durou quase um ano e susteve a investida de mais de 10.000 soldados japoneses. Os seus esforços foram heróicos.

Os poucos desses australianos que ainda estão vivos continuam a contar-nos que, sem o apoio dos timorenses, as perdas humanas seriam bastante mais significativas.

E era sabido que o apoio dos aldeões e jovens timorenses, em comida e abrigo, transporte de mantimentos e a servir de guias, nos iria sair caro, a nós, timorenses.

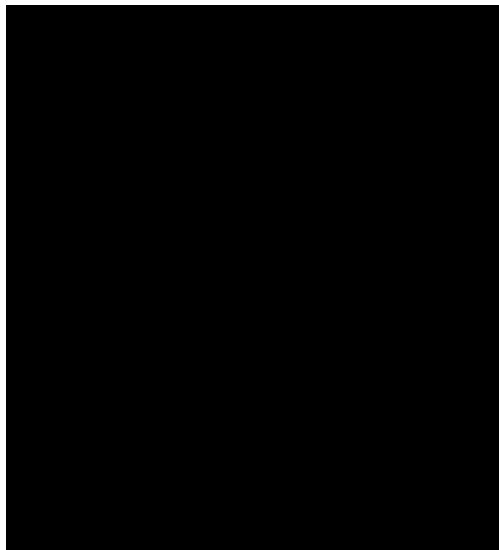
Quando, em 1943, os comandos australianos se retiraram, cerca de 60.000 timorenses tinham morrido, durante a ocupação japonesa, que durou até ao fim da guerra.

Muitos destes soldados australianos, cientes desta tragédia, passaram o resto das suas vidas apegados a uma “dívida de honra” para com o nosso povo.

O seu carinho por Timor continua vivo, no trabalho e interesse demonstrado pelas suas famílias, com os seus filhos e netos a darem continuidade à sua missão.

Na passada sexta-feira, alguns dos nossos veteranos viajaram até ao norte de Queensland e visitaram a Base Militar de Lavarack, em Townsville, outra parte da história que partilhamos com os australianos.





A base militar é o Quartel-General da 3.^a Brigada, que foi o núcleo de mobilização da INTERFET que veio para Timor-Leste em 1999; e também, em 2006, da Operação Astute.

Estas foram mobilizações que o nosso povo acolheu. Ajudaram-nos a reduzir conflitos e a reconstruir um ambiente estável de segurança.

A Força de Defesa da Nova Zelândia mobilizou um número significativo de efetivos da Marinha, Força Aérea e Exército, integrados na INTERFET, e esteve também envolvida nos esforços de estabilização posteriores a 2006.

As Forças Armadas de ambos aqueles países prestaram contributos significativos, no treino e apoio às nossas instituições nacionais de segurança.

Hoje, ao lembrarmos os homens e mulheres das Forças Armadas Australianas e Neozelandesas, refletimos sobre o seu espírito de sacrifício. E ao recordarmos os nossos heróis nacionais, reconhecemos que, sem eles, não poderíamos desfrutar da liberdade que temos agora.

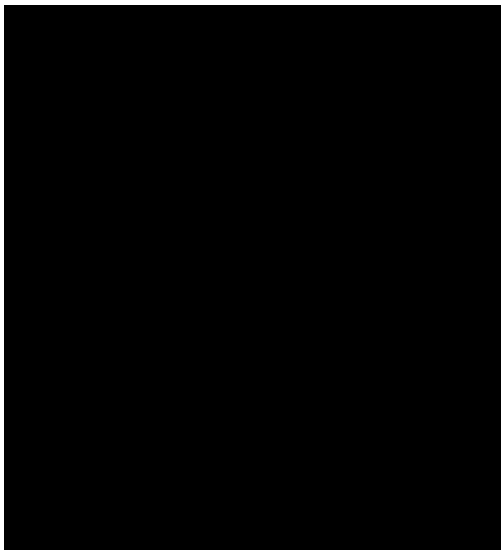
E no entanto, nesta reflexão, somos realistas sobre o significado dos conflitos:

Conhecemos os seus malefícios, a destruição e as suas consequências, as cicatrizes que deixam e que duram gerações.

E lembrando-nos disto, estamos agradecidos pela paz e por aqueles que são defensores da paz.

Que nunca o esqueçamos...





Palácio do Governo,
Avenida Presidente Nicolau Lobato,
Dili, Timor-Leste